

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redtor-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redigido e administrado
LADEIRA DO CARMO No 7
República e malta

ASSINATURAS:
Numero avulso ... 2000 -- Semestre ... 10000
Ano ... 10000 -- Pacote: 12' examp. 20000

Toda correspondencia, vales e registros
devem ser endereçados a Caixa Postal, 198
S. Paulo - Brasil

O dilema do momento

Liberdade ou escravidão

Toda a humanidade grita sem querer ver e compreender a melhor forma de usar tantos males desencadeados pelo mundo, porque a maior parte dos homens não compreendem as coisas claras, simples e radicais, preferindo deixar-se envolver em confusões e derivativos que nada resolvem, que pelo contrario tudo dificultam. A humanidade está marchando a passos agigantados ou para a sua libertação total e completa ou, em caso contrario, para um abismo de horrores impossivel de descrever.

As lutas de extermínio que desde ha muito se vixiam desencadeando no Oriente estão passando ao Ocidente como uma febre maligna que tudo começa a avassalar.

O capitalismo empenhado em destruir a maior parte da humanidade, não pensa sequer por momentos que foi essa gente que conseguiu com os seus esforços o ouro que ele capitalista acumula, apesar de sempre maltrata e esprelhada pelos seus dominadores, e victimas das maiores injustiças aos produtores.

Estão próximos os tempos, estão chegando as épocas das grandes gestões e das grandes revoluções. Estarão os trabalhadores de todo o mundo preparados para enfrentar as ciladas que a burguezia lhes prepara? Se os operarios se unissem e entendessem como seria facil a solução que possuem termo a miséria estenuante que tanto atrofia a classe proletaria em todo o universo!

Famintos até ao ultimo extremo, envolvidos em tristes farrapos que mal cobrem as carnes emagrecidas dos infelizes atores que representam este grande drama da miséria, ouvindo a cada instante as frases hipócritas e vendo os sorrisos escarnecedores do abutre capitalista que, sentado em fôfas almofadas dos seus automoveis de luxo, faz pouco dos infelizes trabalhadores que debalde lutam contra a triste existencia.

Não se lembram os plutocratas capitalistas que os produtores do ouro que ganham, são aqueles que atualmente encontramos sem trabalho e muitos outros que ainda se encontram trabalhando por um ordenado insignificante que não chega nem para a terça parte do seu sustento e do de sua familia e que por esta razão estão sendo devorados pela fome, que dia a dia, os vai minando e que dentro em breve os levará ao entre dum hospital onde pouco repouso de passagem para a ultima morada, o cemitério, onde irão finalmente repousar das cansancas desta vida atribulada, deste martirio de lagrimas que não lhes dá oozos de bom e de belo.

Morto o proletario, vamos presenciar a tragica vida da viuva e dos orfãos, estendendo a mão á caridade publica sem que da parte do capitalista haja a minima sombra de piedade em favor daquelas victimas da sua exploração.

Os capitalistas são unidos e leem todos pela mesma cartilha, e é por isso

que fazem pouco dos trabalhadores. E tu, proletario, por que não praticas a união com os teus companheiros, é que serás sempre calcado até que te convenças de que a união é precisa em todas as formas da vida e te certifiques de que só por ela te livrarás de teus algozes e verdugos.

Os proletarios não se unem e dessa maneira não podemos demonstrar a força que possuímos, que é maior ainda da que muitos pensam.

Tu, proletario, ha muitos séculos que trilhas um caminho cheio de espinhos para produzir as flores do ouro de que não és senhor, estando nós a chegar agora ao termo dessa longa caminhada que termina num descampado cercado de sólidas sébes

de arame farpado e do qual será difícil podermos sair.

A maior parte dos trabalhadores já estão encurralados nesse campo onde a miséria predominante os assalta desesperando-os e amargurando-lhes os miseros dias da vida. São 40 milhões de desempregados que nos oferecem esse espetáculo pungente e dilacerante, por todas as regiões do mundo, por culpa dessa raça egoista, os capitalistas, a quem entregamos todas as riquezas, fruto do nosso trabalho e fadigas.

Vê hem, trabalhador, 40 milhões de chefes de familia desempregados, correspondem á existencia de nada menos de 200 milhões de pessoas que morrem de fome, que tiritam de frio, que adoecem de fraqueza, que enlouquecem de sofrimento. E isto poderá continuar?

Não, trabalhador, não deve, não pode continuar. É preferivel que o céu venha abaixo e nos seplute.

S. M. FERNANDES.

A proposito dos judeus proscritos

Hitler, antigo operario, eleito ditador pelo seu povo de servidores voluntarios, e católico amigo do Papa, apenas empunhou o sabre sangrento de Guilherme, pôz em prática a tradicional doutrina da Igreja Inquisitorial, que se resume numa só palavra: a perseguição.

Como ela, esse carrasco encontra laçaios, não mais para queimar, mas para violentar, despojar de seus bens e exilar aos Judeus Alemães.

Com que direito?

Nós conhecemo-lo, esse velho direito do mais forte, da Força, parteira, no dizer de Marx, das chamadas civilizações, e que de fato nunca produziu senão bilhões de cadáveres e bilhões de escravos.

Já o romantico João Jacques Rousseau tinha respondido: "A Força não cria o Direito".

Nós conhecemo-lo, esse velho direi-

to do mais forte, pelo qual a Igreja católica, apostólica, romana e celerada fez exterminar os Valdenses da Provença e massacrar os Albigenes do Languedoque.

Como Hitler, ela fez, pelo seu grande Inquisidor, Torquemada, em virtude do decreto real de 31 de Março de 1492, expulsar de Espanha 800 mil judeus de ambos os sexos.

Como Hitler, queimador de livros, incapacitado de refutá-los, seu antecessor, Torquemada, mandou lançar ao fogo seis mil volumes, inclusive biblias hebraicas e toda a biblioteca de D. Henrique de Aragão, em 1490.

Pelo direito do mais forte, esse alto torturador, nomeado pelo Papa católico, apostólico, romano e assassino, condenou ás fogueiras 10.220 heréticos, judeus, e maometanos; 93.371 ásgales e ás prisões; finalmente, 6.840 foram queimados em effigie e os bens das victimas confiscados em proveito, bem entendido, dos pontífices e dos sub-pontífices do Cristianismo, esses matadores da humanidade.



OS Nossos LIVROS

VIRGILIA D'ANDRÉA

TORCE NELLA NOTTE
NOVA YORK, W. J. - 1933.

Esta notavel camarada, morta em 11 de maio em Nova York, vitima das perseguições fascistas, publicou pouco antes de morrer o livro que nos serve de epigrafe.

São narrativas cheias de interesse da sua vida. Primeiro da sua infancia, quando, tendo-lhe sorrindo os pais e os irmãos, se viu internada num collegio de freiras; depois a sua saída do collegio, para ir lecionar numa escola elementar em uma região rural em contato com pobres e rudes camponeses; a seguir faz-nos assistir á revocação do terremoto dos Abruzzos em janeiro de 1915, de que ela escapou por puro acaso, pois acabava de se deitar quando ouviu um horrivel estrondo e sentiu o telhado da casa aluir-se por cima dela e de onde conseguiu salvar-se, indo em socorro dos pobres camponeses, menos felizes, que gritavam em unissono com o mugir dos animais para que lhes acudissem e os libertassem daqueles terríveis apuras em que se achavam; depois a sua retirada para a cidade, os seus sonhos, as suas lutas, o advento do fascismo, a necessidade de retirar-se para o estrangeiro, a sua odisséa através da Europa até cair em Nova York onde acaba de extinguir-se.

Não se trata, porém, de uma autobiografia, não. Estes acontecimentos depreendem-se dos assuntos que ela trata com clareza e com elevação de linguagem e de pensamento que muito apreciemos e louvamos e que revelam nela uma figura intelectual de primeira plana em nosso ambiente anarquista.

A maior parte do livro trata, porém, da vida daqueles que foragidos da Italia para escapar ao odio cruel e sanguinario dos fascistas, se encontraram com ela no exílio e daqueles que voltaram, sem a si nem o reve-

larem, á Italia, com o intuito de abaterem o torpe tirão, o nefandissimo despota.

Claro, nada poderam fazer além de se oferecerem aos furros vingativos e trogloditicos de seus miseráveis assassinos, mas o seu holocausto em aras á liberdade fica de pé, como exemplo e admoestação.

Livro terno, emotivo, estilo sensível, delicado e suave como só uma mão feminina, um coração e uma mentalidade femininas poderiam conceber e escrever. Denota, demonstra, apresenta-se como a prova evidente de que a sua pranteada autora possuia um enorme talento ao serviço dum revolta incoercível contra este mundo de explorações, de baixezas, de violências inomináveis, de perseguições inqualificáveis, empregando, enquanto viveu, todo o seu esiozco, inteligência e pensamento para transformá-lo radicalmente, estabelecendo na terra uma nova forma de convivencia social onde não hajam victimas nem carrascos, perseguidores nem perseguidos, ricos gem pobres, hpu-lentos nem miseráveis.

QUE E' O ANARQUISMO

Os anarquistas querem:

- Uma sociedade sem governos nem leis, constituída por federações de trabalhadores que produzam segundo suas capacidades e consumam segundo suas necessidades;
- uma sociedade onde toda a Terra e suas riquezas sejam de todos os trabalhadores;
- uma sociedade sem opressão das massas trabalhadoras por uma minoria de ricos egoistas;
- uma sociedade sem dinheiro, instrumento dos agiotas;
- uma sociedade sem policias, sem prisões, sem miséria, sem ditaduras;
- uma sociedade onde o individuo desenvolva livremente sua personalidade no trabalho, na ciencia, nas artes.

Se desejas tambem isso, és anarquista. Estuda o anarquismo e procura os centros anarquistas.

Verás então como se pode chegar a isso.

O primeiro de todos os bens não está na autoridade, mas na liberdade.

J. J. Rousseau



Só quem trabalhar é que terá camisa...

Hitler, dicipulo e amigo do Papa pró-germanico, não carrega ainda em sua frente de apóstata da classe operaria, laureis tão vermelhos. As suas tentativas de barbária levantaram protestos até entre os Cafres e os Namaquas. Que se contente, pois, com os bens bifados aos Israelitas e aos sindicatos e com a interdição dos jornais heréticos, com a aprovação dos deputados do Centro católico e do partido marxista. Tais proezas, ainda que exercidas pelo seu Mestre de Roma desde séculos, não tem bastado para arrancar dos cérebros o pensamento humano.

Quando em 1786 morreu, ó Hitler, o vosso predecessor no trono da Prússia, Frederico II, chamado o Grande, um francez, então desconhecido, Mirabeau, residente em Berlim, e que devia, a 24 de Dezembro de 1789, defender na Assembleia Nacional uma igual proposta, indicou ao herdeiro real, entre outras magnánimas medidas, numa carta publicada a seguir em Paris, conceder aos judeus as mesmas regalias e direitos dos outros cidadãos.

Se vos não credes rebaixar lendo-a, podereis faz-la procurar nos arquivos da vossa Corte, e com a ajuda da vossa reflexão, publicá-la para a instrução e a dignidade dos vossos subditos.

Desejaria tambem que o Prefeito de Marselha a enviasse como resposta ao monstruoso manifesto que lhe dirigiu uma pseudua Associação de defezos dos trabalhadores francezes, no qual esta associação jesuitica lhe solicita não conceder carteira de trabalhador aos Judeus expulsos pela Inquisição alemã.

Evidentemente, deveríamos tambem exilar os proscritos, ou deixá-los morrer de fome! Esses tartufos fingem ignorar que 500 mil familias protestantes foram expulsas da França por Luiz XIV, cognominado o Grande, e que esses proscritos-cujos bens foram confiscados a favor da Igreja católica, apostólica, romana e secularmente criminosa, foram bem felizes por encontrar na Inglaterra, na Holanda, e em outros países um hospitaleiro acolhimento.

Felizmente, vivemos ainda numa República, em que a ultima trincheira da liberdade, da consciencia, da personalidade humana e do direito ao sol e á vida não está inteiramente enterrada.

TEODORO JEAN.

O espirito menos otimista prevê o dia em que a navegação aérea será a maneira ordinaria da locomoção; em que as pretensas fronteiras serão apagadas para sempre e em que a hidra infame da guerra e a inqualificavel loucura dos exercitos permanentes serão antiquados deante do surto glorioso da humanidade pensante para a luz e para a liberdade

Cândido Flamariou.

Temas de sempre Anarquismo e Sindicalismo

Que o sindicalismo não tem natureza própria — ao contrário do que se há muito afirmava em câmaras — prova-o fato de que pode ser social-democrata ou bolchevista, leninista ou católico, anarquista, etc. Não sendo mais que o nome dado ao movimento operário, ele terá o caráter que lhe infundam com a sua mentalidade e o seu temperamento as minorias ativas que o orientam.

As discrepâncias de pensamento suscitadas no seio da Internacional motivadas pela orientação que devia dar-se às "sociedades de assistência", apresentaram um importante problema aos militantes das mesmas: a escolha dos meios conducentes ao fim comum de transformar a sociedade.

E conhecida a diferença de critério a este respeito, quanto aos métodos de luta a seguir entre os chamados marxistas e burocratas, entre autoritários e libertários.

O congresso anti-autoritário, celebrado em Setembro de 1872 em Saint-Imier, representa a rebeldia da liberdade — que inspirou a fundação da A. I. T. — contra o dogma autoritário e o espírito de dominação, encarnado em Carlos Marx e os seus amigos.

Desde então até hoje, a separação das organizações proletárias em todos os países, seguiram direções diferentes, é inevitável.

Muito empenho foi posto e muito boas intenções foram aliadas consagradas ao propósito de retornar à unidade.

Grande número de companheiros anarquistas tem sofrido, obsessivamente por esta ideia, de excessiva ingenuidade.

Felizmente parece que as duras lições oferecidas pelo tempo, chegaram a dissuadir os do intento vão de estabelecer um acordo dentro dum mesmo marco de luta para alcançar o ideal comum de emancipação.

Mas nem tudo está esclarecido no referente a esta questão.

E sabido que quando estava para fazer-se a luz, uma nova corrente de vontades fez a sua aparição, pretendendo incorporar as ideias socialistas, com a denominação de *Stadica-Bana*, uma nova doutrina social.

Correndo os olhos ante a investigação serena do passado, ante a realidade instrutiva do presente e em face aos verdadeiros destinos do futuro, anunciou-se ao mundo operário, a descoberta de uma nova orientação. Para alcançar o fim, em cuja direção tinha que encaminhar-se, rotas diferentes às já conhecidas haveria que seguir. E para não sofrer extraviado, dispôs-se-lhe também de uma bússola especial.

O novo horizonte de onde, a seguir, viria a luz e ao qual havia que dirigir-se, era o sindicalismo como fim, as organizações corporativas como órgãos da revolução e da futura sociedade.

O mundo distinto constituiu-lhe a preexistência absoluta, o isolamento de toda a influência política, filosófica e religiosa; e como bússola infalível, como pedra filosofal, a consciência de classe.

Pretendiam conjurar em princípio o perigo de que se repetissem sem cessar as velhas disputas tendenciosas, e intentava-se, como máxima finalidade, conseguir de novo o irrealizável: a fusão dos trabalhadores em um só movimento internacional.

Acreditou-se por tanto haver-se encontrado um novo centro para equilibrar sobre ele toda a ação revolucionária mundial; a luta de classe sem a pressão externa, sem o influxo perturbador de ideologias estranhas.

Que significação tem sido no movimento revolucionário a intitulada escola sindicalista?

Em nossa opinião, provocou em geral todos os países um processo de involução, cujas projeções alcançam as lutas atuais e cujas consequências irremediáveis até hoje seria difícil calcular.

Perante o juízo e a comprovação de todos os fatos, por exemplo, a situação do proletariado francês e as tentativas ativas do bloco possibilista espanhol durante quinze anos, se não se quer dar crédito à nossa opinião.

Segundo o nosso entender, o sindicalismo, mas graças às suas pretensões de nova teoria, não representou senão a volta ao primitivo e estreito conceito corporativista da A. I. T.

Posteriormente restabelecemos as suas pretensões conceituadas e o seu sistema para o futuro, com mais extensão.

Temas lidos e ouvidos repetidamente como definições expostas, não têm a importância de o movimento corporativista das classes trabalhadoras em

luta permanente contra o seu inimigo natural, o capitalismo.

"Sindicalismo" é a denominação com que se conhecem as lutas da classe operária na defesa de seus interesses contra o capital. É o resultado fatal da concentração de jornaleiros nas grandes fábricas dos centros de população industrial. A passagem do artesanado à manufatura e a transmissão desta aos estabelecimentos de dispositivos mecânicos, facultaram as condições de dissociação entre produtores legítimos e produtores nominais: a máquina quebrou os velhos vínculos morais que caracterizavam a vida da oficina; o binómio patrão e empregado, expressa a característica da moderna face económica da sociedade.

A pugna biológica, de defesa instintiva dos interesses encontrados de cada setor inimigo, entenderam os sindicalistas neutros que era a única manifestação atendível da guerra social contemporânea.

A beligerância das ideias, das opiniões, do pensamento, que cada cérebro pode conceber e expor, relacionados com os fins e com a atividade consequente das coletividades gremiais, em nada poderia perturbar o rígido curso do sindicalismo 100x100.

O ponto ideal em que devia situar-se o "sindicato" era, pois, o da equidistância entre o socialismo e o anarquismo. Dilucidar questões de doutrina, propagar os princípios de socialização da terra e da riqueza em geral, aconselhar a luta impostergável

contra a burguesia e o Estado sob qualquer de suas formas, manifestar-se contra a autoridade do sacerdote, do legislador e do patrão no templo sindical, era — Pestana, de cabeça já encanecida, assegurava-nos doutoralmente que é, apesar de tudo, — fazer política, desviar, com sugestões do intelecto, a realidade económica, do seu leito natural.

Palrar aos trabalhadores da necessidade de traçar-se o propósito decisivo de evadir-se deste intenso cárcere — destruindo-o — tem equivalido para os sindicalistas imaculados a uma fantasmagoria filosófica que distrai aos trabalhadores sem que a possam compreender.

I. M.



Centro de Cultura Social

Rua Quintino Bocaleva, 88

Amanhã pelas 20 horas, em sua sessão social, este Centro de Cultura realizará uma sessão dedicada especialmente ao elemento feminino, que é a maior vítima dos dogmas clericais.

Na sessão de amanhã, a convite deste Centro, o Sr. A. Leme, residente no Rio de Janeiro e membro da Liga Anticlerical daquela Capital, realizará uma pública conferência sob o sugestivo tema: "A Confissão".

Em defesa do anarquismo

A anarquia é uma doutrina filosófica que compreende, numa amplíssima síntese, todo e intrincado problema social.

A anarquia não é um simples princípio de destruição como o entende a ignorância e como o proclama a má fé. A anarquia não implica o regresso do homem aos tempos primitivos, como, enfaticamente, afirmam os sábios mercenários das classes dominantes. A anarquia é, simultaneamente a tradução da evolução política e do desenvolvimento económico.

Em todo o processo histórico, a tendência geral que tem por fim integrar, indelévelmente, a individualidade, assim como o fato dum cada vez mais crescente substituição do trabalho coletivo pelo trabalho dissociado, envolvem a categorica afirmação do anarquismo coerente e isto por tal modo que, apenas dissipados, um pouco, os preconceitos e convencionalismos da sociedade atual, não ha cérebro medianamente culto que não reconheça esta verdade.

A independência individual foi sempre o objeto de todas as revoluções e nem um só dos grandes movimentos populares deixou de significar, apesar de tudo, uma questão de pão.

As sociedades agitam-se constantemente em torno destas duas ideias: Liberdade e Igualdade, como presentindo o seu resultado inevitável — a fraternidade e a solidariedade de todos os seres humanos.

A espinga da felicidade, distanciando-se à medida que a humanidade avança, parece deter-se um momento. Então, acode-nos à mente, como um imenso pesadelo, o montão de preconceitos, erros e falsidades que, através do tempo, tem permanecido irredutíveis no mundo social, mas reatando-nos também à evidencia dum continuo humanização da espécie que, saindo da animalidade primitiva, tem caminhado resolutamente para a meta das suas aspirações, meta que é a negação absoluta do seu ponto de partida. Avivam-se as nossas faculdades éticas e, com o poderoso auxílio da mecânica, multiplicam-se, até ao infinito, o nosso poder físico, permitindo-nos, entrever, proximoamente, o reinado da abundância e a realização do amor universal humano. E esse mesmo poder, dominando, pelo esplendor dum nova civilização, as estreitezias do passado e mostrando-nos as amplitudes do futuro, faz-nos compreender qual é o antagonismo que existe entre um progresso material certo e um estancamento do progresso social evidente.

As artificiosas instituições, os meios ronciosos e os costumes rotineiros da sociedade burguesa, não podem caber no novo mundo que dominará as forças da natureza, subjugando-as e utilizando-as em benefício de todos. A máquina redimir-nos-á do trabalho ignobil e enobrecerá o trabalho útil; converterá a besta que molesta, em cérebro com conhecimentos para dirigir; suprimirá as fatais diferenças com que a NATUREZA distingue os homens, para igualar todas as forças e todas as aptidões na síntese do trabalho mecânico. E quando o vapor e a electricidade tiverem suprimido toda a barreira entre os corpos estabelecendo uma constante comunicação dos pensamentos, então, aperceber-nos-emos da enorme distancia que separa o PROGRESSO moral, politico e social da sociedade burguesa, do progresso positivo das novas forças na ordem da produção e da ciencia.

O privilegio economico e a dominação politica pretendem inutilizar, para nós, esse grande avanço dum seculo que desenvolveu, com uma rapidez vertiginosa, todo o conteúdo da experiencia e mais — deseja afuscar os conhecimentos dos seculos e seculos que ainda chegaram até nós. Mas é por isso mesmo que, do nosso cérebro, surge a ideia dum avanço semelhante na ordem das relações da vida e é também por isso que concebemos, com a nitida percepção de mero-anidade moderna, um mundo melhor, perante cuja proximidade a impotente e estúpida reação se acora, se reduz e, finalmente, se converte em termo suficientemente claro, transparente de verdade, apresentando-nos a solução do problema social com tanta facilidade, que não é necessário ser um talento para se formar uma opinião concreta.

RICARDO MELLA.

A "Legião Negra de São Paulo"

(Do livro inédito "A Epopéia Bandeirante" (1932))

11

Sabidos esses indios!

E argumentam indios. Primeiro, são batizados. Com certeza, após o batismo — o estalo — e então compreendem bem o que é Constituição. Houve missa na Chacara do Carvalho, com inhão, bencãos, mádrinhas, lanta presa de doces, tudo o que era preciso para a mobilização patriótica de negros e indios.

Depois, chegou a hora solene de acenar aos negros com as mais encantadoras promessas. E o *Diário de São Paulo* e os outros jornais do dia 23 de setembro publicam as notícias e estatutos referentes à "Associação Beneficente Legião Negra".

Era o amparo ao legionário e à família. A assistência aos orfãos, às viúvas, aos velhos e estropiados da guerra. Uma beleza!

Muito se disse e muito foi publicado em torno da "Legião Negra". Inútil documentar. Foi há pouco antes de analisar o programa da P. R. A. R. organizado especialmente em homenagem à "Legião Negra" (21-9-32), vejamos rapidamente o que foi a REVOLTA DA RAÇA NEGRA.

PALMARES.

Si é voz corrente e observação comum o servilismo e a humildade do negro, não é menos corrente a certeza de que, no íntimo do ser, o negro se revolta e protesta contra o cativo.

Essa revolta, este protesto se manifestou, quasi sempre, pela vingança: era a única arma que o branco, por impotencia de lh'a tomar, lhe deixava.

Mas, o negro traçou paginas épicas, no heroísmo da sua rebeldia, contra os horrores da escravidão.

Haiti tem uma historia quasi miraculosa da energia negra. A Liberia, outra.

Na America do Norte o negro vive ainda um poema herculeo de força e perseverança.

Em toda a America o negro escreveu, na tragedia da sua gloriosa epopéia de escravo que quer a liberdade — uma pagina de rebeldia o seu protesto de revolta.

Em 1600, diz Canistrano, a colonia devia ter já 20 000 negros da Africa, incluindo os filhos de africanos. Aliás, 16 annos depois de fundada a Capitania de S. Vicente (Varnhagen), nella já havia muitos escravos.

O Brasil "começou a ser colonizado por um povo já gafeado do germen da decadencia".

Comêço a revêr Paulo Prado ("Retrato do Brasil").

O português sensual, estragado, ambicioso, carola, perverso para com o indio, trouxe-nos tambem o africano.

Lá na Africa, no seu meio, o negro pertence a uma raça com as suas características.

E "não ha raças: ha povos" (Colla-jau).

Não ha raças inferiores — ha costumes, características raciaes. Ha differenças culturais.

O negro é tão ativo, nobre, forte quanto o branco, o amarelo ou o vermelho — no seu habitat.

Tirado do meio ambiente, submetido à condição humilhante e dolorosa da escravidão — o negro teve de se adaptar ao meio: aviltou-se, aviltando e corrompendo o senhor e a sociedade de onde vivia.

A escravidão escraviza a servos e a amos, servos e amos, rebates e detentura a tudo e a todos no nível das mesmas bases.

"O português da governança e da gradaria" foi o nosso colonizador.

O brasileiro advogado, de hoje, é o inermes e filho legitimo, fazendo tom do "português da governança e da gradaria".

Estamos mentalmente em pleno período colonial.

A escravidão e o cristianismo tomam

no, trazidos pelo português colonizador, nos deram a "filosofia da senzala".

Não foi o sangue do negro que nos aviltou: foi a escravidão.

E a escravidão já foi obra do colonizador e do jesuitismo.

Tem razão Paulo Prado — paulista e civil —: "Dos agrupamentos humanos de mediana importancia, o nosso país é, talvez, o mais atrasado. O Brasil, de fato, não progride; vive e cresce, como cresce e vive uma criança doente no lento desenvolvimento de um corpo mal organizado." ("Retrato do Brasil").

E vivemos de oratoria bacharelesca. De palavreado. De frases. De "chaves de ouro". De gestos largos e expressões retumbantes, de eloquencia balofa e palavras cantantes. Oratoria e anemia. Apatia constante, entremeadas de "explosões esporádicas de reação e entusiasmo que apenas servem para mais accentuar essa apatia quotidiana". (Idem).

E "sobre este corpo anemico, atrofiado, balofo, tripudiam os politicos. E' a unica questão vital para o país — a questão politica".

E queremos leis e mais leis e fazemos questão fechada de leis para não serem cumpridas.

E sempre a serviço dos legisladores.

E pululam os bachareis, os advogados, juizes, as leis.

As Faculdades de Direito são as mais terriveis pragas destas terras do Brasil.

Da Faculdade de Direito de São Paulo saiu a calamidade verborragica de Rui Barbosa, saiu a politica nefasta desses 40 annos de Republica desgraçada e saiu mais a guerra civil de 1932, a calamidade maxima que nos levará à situação de colonia economica da Inglaterra ou da America do Norte e colonia religiosa da Roma papal e fascista.

Mas, voltemos aos homens da raça negra que a oratoria bacharelesca da guerra civil abençoou para a defesa e para o bem de São Paulo.

E passemos rapidamente pela historia dos Palmares.

MARIA LACERDA DE MOURA.

O DIREITO

O Direito politico é a faculdade de tirar aos homens o produto do seu trabalho; é a faculdade de os mandar comter aquele assassinato coletivo o que pomposamente se chama guerra.

O Direito civil é a faculdade que tem um individuo de se apoderar de milhares e milhares de hectares de terra e de infinitos instrumentos de trabalho; e, para os que não têm terras nem instrumentos de trabalho, o Direito civil é a faculdade de vender os próprios braços e a própria vida aos que possuem terras e capitais, é a faculdade de morrer à fome.

O Direito penal é a faculdade dum individuo só, prender, encarcerar, deportar e matar os homens que julgar necessário.

Esta complexidade de faculdades provenientes do direito, é sancionada pelas leis. Mas as leis foram inventadas pelos homens: imperadores, reis, presidentes, ministros, senadores, deputados, etc., que vivem de malandras e que, consequentemente defendem estas malandras, mediante leis feitas por eles.

O Direito não tem nenhuma importancia moral. É a causa principal da incorabilidade está sendo uma taxa abominavel que se chama o Direito.

LEO TOLSTOY.

Pela conquista das 6 horas de trabalho

Enquanto os patrões não querem ainda aplicar a jornada de 8 horas, enquanto tornada legal, em Barcelona os pedreiros, serventes e cavonqueiros lutam há mais de 2 meses pela jornada de 6 horas. A greve é cada vez mais geral. Um dia em que em uma grande construção, mesmo no centro da cidade, se quis recommençar o trabalho, sob a proteção da polícia, bastou uma manifestação pacífica e silenciosa de cinco mil trabalhadores desfilar diante dos crumiros, para fazê-los suspender o trabalho.

O governador tinha garantido aos patrões, aos jornalistas e aos próprios crumiros que a chamada "liberdade de trabalho" seria assegurada. Mas, os crumiros mal tinham vestido os paletós e com a chegada da noite uma explosão anônima aniquilou todo o trabalho. Não convinha continuá-lo.

Segunda-feira, 12 de Junho, os grevistas deviam reunir-se em uma grande assembleia; o governador, porém, depois de tê-la permitido, proibiu-a e deu ordem de dissolvê-la. Não quer que se iniciem tratativas diretas entre patrões e operários, como no caso dos marceneiros; mas que o conflito seja resolvido legalmente pelo júri misto.

Os trabalhadores, ao contrário, não querem submeter-se a um processo fascista como na Itália e na Alemanha. E' assim que quinze mil grevistas e talvez mais, uma verdadeira onda de gente, se dirigiu e percorreu as mais belas e largas ruas senhoriais da cidade, chegando por fim à praça da Universidade, onde está instalado o centro da loja e do comércio burguez, com vastos e ricos armazens, ourivesarias, bancos, etc., tudo naturalmente sempre vigiado aqui e ali com guardas armados de espingardas.

Certamente a esfarrapados, esfofados, grevistas e desocupados forçados não se pode conceder que disturbem os seus senhores nos negocios e nos divertimentos, e então os caminhões dos guardas de assalto intervieram, e dada a lei que os exonera de toda a responsabilidade (veja-se Casas Viejas) começaram a distribuir vergalhaduras ás cegas, á direita e á esquerda nas primeiras filas dos pacíficos manifestantes desarmados. Os grevistas porém não fugiram e contra os revólveres e as espingardas amontaram num momento mesas, cadeiras, bancos dos cafés e dos restaurantes aristocráticos da praça, enquanto faziam voar garrafas de champagne, de licores, de vinho, de cerveja, chicaras, pratos, mil varios projéteis numa resistência desesperada. Então a policia abriu fogo e matou á queima roupa um nosso companheiro, o primeiro martyr das 6 horas, e feriu muitos outros. No precipitar da batalha e da retirada a multidão causou estragos em diversos armazens e muitas vitrinas ficaram em estilhaços.

Os funerais do nosso companheiro deram causa a novos acontecimentos. Deviam realizar-se ás 9 da manhã, partindo do hospital, e milhares de operários tinham lá acorrido para deles participarem. Tendo as autoridades já transportado o cadáver durante a noite, a multidão dirigiu-se do mesmo modo para o cemitério. Mas também esta manifestação de luto não devia ser tolerada e com os vergalhos de boi tentou-se dissolver o cortejo. Varios companheiros dos mais audazes, afastaram-se do grosso dos manifestantes para não fazê-los alvo da raiva policieira, e abriram um fo-

go de Banco para autodefensão. De fato, logo a policia se retirou prudentemente, disparando por sua vez, mas sem consequências trágicas.

O morto foi vingado. No dia seguinte, a policia querendo fazer uma colheita em massa em um sindicato do Clot, alguém acotou-a de má catadura e um chefe das guardas de assalto ficou morto. Fizeram logo 200 prisões. Quando tudo parecia findo, uma sobre má saiu do sep esconderio com um meião nos braços. Os policiaes emboscados dispararam e mataram a criança, e a má salvou-se por miagre.

A policia vingasse, torturando ferocemente os nossos companheiros. Mas já o ódio popular explode contra ela. A batalha é dura e desigual, mas ate agora tem encontrado sempre valerosos combatentes. Esta campanha das 6 horas deve interessar todos os trabalhadores, todos os assalariados, porque trabalhar seis horas para um patrão, ainda é muito.

Barcelona.

TRANQUILO.

Munições para "A Plebe"

Contribuições do Interior

Assinaturas recebidas pelo camarada Luiz Pampolini:
ITAJUBI — Speziali, 10\$; Cagnini, 10\$; Pedroni, 10\$. SANTA ADELIA: C. Tavoli, 10\$; Morcelli, 10\$; Dr. Aristides, 10\$; Zampoli, 10\$; Joaquim B., 5\$. ALONSO, 5\$. CANDIDO RODRIGUES: Reziere Poletti, 10\$; Fulgencio Borghi, 10\$; S. Formigoni, 10\$. CATANDUVA: Capelatti, 5\$000. F. PRESTES: Roberto Steines, 10\$. — Total, 125\$000.

ARARAQUARA — Telemaco, 5\$; Pezira, 5\$; Ribeiro, 2\$; Satto, 2\$; Credendio, 1\$; Vergara, 2\$; A. Vergara, 3\$; Santos, 2\$; Manoel, 1\$; Spiga, 1\$; Magalhães, 1\$. Diversos por intermedio de J. Pereira, 5\$. — Total, 30\$000.

BIRIGUI — F. Gonçalves, 20\$000. TAQUARETINGA — Malavasi, 10\$. AMPARO — Mazini, 1\$; J. Azevedo, 5\$. venda avulsa, 3\$. — Total, 9\$. I. UCHOA — Rossoni, 5\$000.

SANTOS — Bastos, do livro, 4\$; Mateus, 2\$; Tupi, 10\$. Paysanguir, 2\$200; venda avulsa, 4\$200 e comissão sobre venda do livro "O Catecismo Operario", 13\$. — Total, 35\$400.

RIO DE JANEIRO — Pierre, 18\$; Pontes, 20\$; Vieira, 4\$; Margari, 2\$; Almicar, 7\$; Gonzales, 5\$. — Total, 66\$000.

BARRETOS — J. R., 10\$; R. S., 10\$. J. V. S., 10\$. P. S. N., 10\$. — Total, 40\$000.

ITAJUBI — Buseli, 10\$. Sagatti, 10\$. — Total, 20\$000.

RIBEIRÃO CLARO — Navarro, 10\$. Arevala, 10\$. Magalhães, 10\$. F. Navarro, 5\$. — Total, 35\$000.



LIGA OPERARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Reunião da Comissão Executiva

Amanhã, ás 9 horas, em sua sede social, haverá uma reunião da Comissão Executiva. O Secretario faz vivo apelo para que todos os membros da C. E. estejam presentes, para discutir assuntos de magna importancia.

UNIAO DOS OPERARIOS METALURGICOS DE S. PAULO

Este sindicato continua realizando suas Assembleias Ordinarias todas as quartas-feiras, procurando sempre reunir o maior número possível de associados, e engrossar o número dos militantes Metalúrgicos para que possamos enfrentar os problemas que no momento urge resolver.

Pede-se o comparecimento de todos os metalúrgicos empregados e

desempregados, para a proxima Assembleia. Que cada socio que compareça, procure trazer todos aqueles que não sabem ainda o que é um Sindicato.

Todos a Assembleia de quarta-feira

A Comissão Executiva.

UNIAO DOS ARTIFICES EM CALÇADO

(Filial á Federação Operaria)

Esta União convida a todos os companheiros que compõe a Classe para comparecerem, segunda-feira proxima, a uma sessão solene que se realizará e onde terão ocasião de ouvir dois camaradas chegados do Rio de Janeiro. Alem disso tratar-se-ão outros assuntos de interesse para a Classe. Camaradas, todos á reunião de segunda-feira proxima, ás 20 1/2 horas á rua Quintino Bocaiuva, 80.

O Secretario.

16.º ANIVERSARIO DA UNIAO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS

Hoje, 5 de Agosto

Hoje, 5 de Agosto

Para comemorar o 16.º aniversario de sua fundação, a UNIAO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS, promove um grande festival, para hoje, ás 20 horas, no SALAO CELSO GARCIA, á rua do Carmo, 23.

A Aliança dos O. em Calçados do Rio de Janeiro far-se-á representar por uma Comissão, que virá do Rio especialmente para esse fim.

PROGRAMA

- 1.º Overture pela Orquestra.
- 2.º Apresentação da Comissão da Aliança.
- 3.º Representação do drama "Senza Patria".
- 4.º Ato variado, recitativos, anedotas, etc.

PINHAL — A. M. Maldonado, 10\$. CRAVINHOS — P. Marsicani, 10\$500.

CUTIA — Castor, 5\$000. PACOTEIROS DE S. PAULO — C. Civil, 12\$. Avelino, 2\$. Gildo, 2\$. Peres, 4\$. Estevam, 3\$. Estolho, 4\$. Chaves, 2\$. Lopes, 1\$200; José Peres, 1\$600; Marcos, 1\$. Nigre, 2\$. Ernanno, 1\$. Eugenio, 2\$400; Aroca, 4\$. — Total, 42\$200.

ASSINATURAS E CONTRIBUIÇÕES NA REDAÇÃO — Venda avulsa, 3\$700; mais, \$800; Fragali, 10\$; mais, 3\$200; Vicenzi, 5\$; P. Pirozelli, 5\$. venda de folhetos naturalistas, 10\$. — Total, 37\$700.

Correio Plebeu

CAMPO GRANDE — Dias: O seu trabalho ficou prejudicado com a nota publicada no nosso numero 34.

CASCADEL — Rossi: Fizemos a

alteração na remessa. Registamos o novo endereço. O livro que pede, não temos.

POTIRINDABA — Sanches: Démos á "A Lanterna" o recado; remetemos o livro e os jornais pedidos. CRAVINHOS — P. M.: Entregamos os 15\$ á "A Lanterna", fizemos a alteração na remessa e remetemos o livro.

PINHAL — A. M. M.: Recebemos de S. Carlos os seus 10\$ e remetemos o jornal desde o n.º 26.

S. CARLOS — M. Q.: Recebemos sua carta e fizemos o que pedia.

BAGE' — Cecilio: Escrevemos-lhe uma carta, registrada, para saber si ainda vive. Pois desde dezembro ultimo que não nos escreveu. Responda logo. Reduzindo — a mesma ladinha serve para você.

URUGUAIANA — P. F.: Escrevemos-lhe pedindo uma solução urgente para as "munições para A Plebe", arrecadadas em 1.º de maio. Não nos

pedimos, conformar — as mesmas virão em servete.
PORTO ALEGRE — Camaradas: Reparat no envelope de cada remessa, e veréis sobre ele 2\$ de selos, reparat no nosso balancete e veréis o "buraco" em que estamos, e depois de veréis tudo isto, apressai-vos em mandar os celos.

NOSSO BALANCETE

ENTRADAS

Assinaturas recebidas pelo camarada L. Pampolini, no interior do Estado	125\$000
De Araraquara	30\$000
Birigui	20\$000
Taquaritinga	10\$000
Amparo	9\$000
I. Uchoa	5\$000
Santos	35\$000
Rio de Janeiro	66\$000
Barretos	40\$000
Itajubi	20\$000
Ribeirão Claro	35\$000
Pinhal	10\$000
Cravinhos	10\$500
Cutia	5\$000
Pacoteiros de S. Paulo	42\$200
Assinaturas e contribuições	37\$700
Total	500\$400

DESPESAS

Deficit do balancete anterior (ver o n.º 34)	1.255\$300
Confeção e compilação do n.º 35 e do numero de hoje	820\$000
Sélos para expedição, correspondencia e registros durante a quinzena	51\$200
Aluguel da sede, até 12 de 7	60\$000
Aluguel da Caixa Postal	30\$000
Despachos e barbante	6\$200
Total	2.225\$700

CONFRONTO

Despesas	2.225\$700
Entradas	500\$400
Deficit	1.725\$300

NOTA. — Camaradas que tendes ingressos do ultimo festival, ou bilhete brinde, apressai-vos a saldá-los, pois é com esse recurso que contamos, e confiando neles é que nos empenhamos e comprometemos para fazer face á publicação de "A Plebe".

Livros que recomendamos PEDRO KROPOTKINE O ANARQUISMO

SUA FILOSOFIA, SEU IDEAL — SUAS BASES CIENTIFICAS — SEUS FUNDAMENTOS ECONOMICOS.

Volume de 240 páginas, em papel bufon. — Um volume franco de porte: 5\$000.

Florentino de Carvalho. — A GUERRA CIVIL EM S. PAULO — Solução imediata dos grandes problemas sociais. — 1 volume 4\$000.

Maria Lacerda de Moura. — SERVIÇO MILITAR OBRIGATORIO PARA AS MULHERES? RECUSO-MEI DENUNCIO. — Uma brochura. — 1\$000.

O NOSSO CONTO

Os Forjadores Anonimos da Espanha Libertaria

por Pierre Vigneron

"Duas horas da manhã. O carcereiro entra na minha cela e me diz: — Você vai ser posto em liberdade, o que me regozija por sua causa e me entristece, por mim, porque, ante-ontem foi posto em liberdade o Dr. Luiz Buñi, hoje é você, e você dois eram quasi os unicos com quem eu podia aprender qualquer coisa, durante as horas, os dias intermináveis que devo passar neste inferno carcerario. E eu, rindo, lhe disse: — Rapto a você constantemente, e você vê que tenho razão: quanto a mim, espero a cada instante, a ca-

da minuto a minha libertação, pois que ela depende da fantasia do Sr. Governador (1); e você é prisioneiro, para toda a vida, do Governador e da Sociedade.

Desço ao "Centro". Estão lá reunidos 11 prisioneiros, eu faço o numero 12. O oficial de guarda adianta-se para nós, mostrando um homem do qual s'ó distinguimos dois olhos escondidos nas barbas e nos

(1) Os prisioneiros politicos sem culpação, sob Alfonso XIII, ás vezes eram detidos anos á disposição do sr. Governador.

cabelos que lhe invadiram o rosto, além de um cobertor em mulambos, mal lhe cobrindo o corpo. — e o oficial acrescenta:

— Estão vendo este homem — é a melhor criatura que me foi dado encontrar em toda a minha vida. Eu lhe respondi:

— Sr. Oficial, permita a mim felicita-lo porque confessa que foi no meio daqueles que a sociedade chama de "bandidos" que lhe foi dado encontrar "a melhor criatura" de toda a sua vida.

Salmos. Um pouco apreensivos porque era a hora em que é posta em execução a famosa "lei de fugas".

Não. Somos talvez um pouco numerosos, e, sendo estrangeiros, "a lei de fuga" não é para nós.

Durante o trajecto do "Carcel Modelo" á estação, de repente o homem do cobertor se anima, interpela os guardas civis, mostra-lhes seu papel infame, conduzir homens acorrendos, armar-se de baioneta, revólveres e carabinas — é a completa degra-

dação para o ser que tem a forma humana.

Mostra-lhes que duma sociedade harmoniosa como a sonham "os bandidos anarquistas", segundo o apellido batismal dado pelos senhores, em vez dessa tarefa infame, estariam ainda a essa hora matinal, agasalhados e amorosamente ao lado de suas companheiras, as quaes, tambem, a esta hora, em vez de se repousar, estão sós, transidas de susto ao pensar que seus maridos estão expostos aos maiores perigos, porquanto devem arriscar a vida — salvando a sociedade do perigo dos "bandidos".

Encontramos os pobres seres que buscam nas latas de lixo os restos disputados aos cães, os detritos de alimentos atirados fóra, por imprestaveis.

Depois, os ficeiros, os martires que, si quizessem cessar de trabalhar, fariam das cidades, focos de infecção, em pouco tempo absolutamente inhabitáveis — "Lixeiros, dizia ele, são vocês os senhores das cidades. Desertem, abandonem este trabalho

inundo, repugnante, indigno do homem, tarefa que mata rapidamente, e vocês não de vêr as cidades desaparecerem, porque os ricos são incapazes de limpar as suas proprias porcarias.

Chegamos á estação ainda deserta. Ali, continúa a discorrer, a mostrar o absurdo da sociedade, esbanjando, por toda parte, inutilmente, a energia humana.

Embarcamos na direcção da fronteira franceza.

No trem, o homem do cobertor não ceasou de interpelar os viajantes, demonstrando-lhes a atrocidade de um homem que se chama governador que, sem outro motivo senão os da sua fantasia perversa, manteve na prisão, durante muitos anos, aqueles homens e que, sem outros motivos, os expulsava.

Chegamos á fronteira. Todos, considerados desertores. Mas, o homem do cobertor, disse: — "Nasci na Palestina".

Apesar de todas as habilidades do commissario, impossivel descobrir a sua

A Alemanha subjugada pelo nazismo

CAMPOS DE TRABALHO?

— Não, campos de exercício militar, campos de preparação guerreira é com o que o hitlerismo-fascista na Alemanha está ameaçando a paz dos povos e das nações como fez em 1914. Quem não acreditar leia o seguinte telegramma:

OS CAMPOS DE TRABALHO CRIADOS PELOS HITLERISTAS

COPENHAGUE, 20 (E). — Foram publicados nesta capital alguns dados sobre o emprego do tempo do primeiro campo de trabalho dirigido pelos nazistas.

O campo está situado na Alemanha do Norte, próximo da costa.

Conta de 80 a 100 homens, alojados em barracas, os quais se levantam diariamente às 6 horas. Das 6,30 às 9,30 são executados trabalhos de aterro para drenagem de terrenos pantanosos. Das 10 às 12, período destinado à educação física. São realizados também exercícios militares com o manejo de armas. Às 12 horas é servida uma refeição, seguida de repouso obrigatório até às 14 horas. Realiza-se, entre as 14 e as 17 horas, exercícios de campanha com máscaras de gás e fuzis. Das 17 às 18 horas, repouso. O espaço das 18 às 22 horas é livre. A esta hora, só o toque de recolher.

Os exercícios militares são levados a efeito em lugares isolados e comportam manobras de patrulhas e reconhecimento.

Nos dias de chuvas são dadas aulas teóricas e de cultura do espírito militar. Nestas ocasiões, explica-se aos recrutas que a Alemanha não está tão desorganizada como parece, graças às suas invenções científicas, entre as quais um gás fulminante, desconhecido de todos os países do mundo, e ondas elétricas novas. Quasi todos os homens estão munidos de máscaras contra gases mortíferos e um terço, mais ou menos, possui fuzis. O referido campo de trabalho possui metralhadoras leves, que servem para instrução de trinta homens. A duração do período de instrução é de 3 meses. Os instrutores são graduados das nações de assalto hitleristas.

Nos campos que estão sob o controle dos "Capacetes de Aço", o armamento é mais completo e os instrutores são ex-oficiais e sub-oficiais; a disciplina é mais rigorosa e a instrução militar mais séria. Estes campos estão hoje em maioria.

Segundo alguns cálculos, o numero de voluntarios do trabalho, presentemente, é de cerca de 300.000. Os efectivos são renovados periodicamente, de modo que é impossível avaliar o numero total dos recrutas que recebem instrução militar nos campos.

Campos de trabalho, levando o dia em exercicios militares de campanha e com máscaras e fingindo trabalhar em aterro de pantanos só umas simples 3 horas! Isto é que é uma trabalhadeira, e mesmo de deitar sangue pela boca. Farçantes!

A campanha internacional contra o regimen do terror

Continuam os protestos contra as barbaridades fascistas-nazistas, como relatam os telegramas seguintes:

CONTRA A CAMPANHA ANTI-SEMITA

LONDRES, 20 (H). — Cerca de 50.000 comerciantes, empregados e combatentes judeus do bairro este desta capital levaram a efeito, esta tarde, grande manifestação contra as perseguições anti-semitas registadas na Alemanha.

O cortejo dirigiu-se a Hyde Park. Os manifestantes levavam à frente cartazes, nos quais convidavam o publico a "boicotar" os produtos alemães.

CONTRA A GUERRA E CONTRA O FASCISMO

ANTWERPIA — A demonstração contra a guerra e o fascismo reuniu enorme multidão, calculada em mais de 70.000 pessoas.

O grande cortejo, formado na Praça do Arsenal, subdividiu-se em 3 colunas, que percorreram as principais arterias da cidade.

Falaram varios oradores, que afir-

maram que somente o sindicalismo internacional e o socialismo poderão salvar o mundo de uma catastrophe. — (H).

LONDRES — A Liga Britanica Contra a Guerra realizou a tarde, em Hyde Park, imponente demonstração em que tomaram parte mais de 30.000 manifestantes. Não houve a menor perturbação da ordem. — (H).

OS ESTUDANTES DE BUENOS AIRES PROTESTAM CONTRA A CHEGADA DA DELEGAÇÃO HITLERISTA

BUENOS AIRES — A Federação Universitaria Argentina resolveu declarar-se em greve geral a partir do dia 1º de Agosto.

O fim do referido movimento é protestar contra a chegada da Delegação Hitlerista a esta Capital. — (H).

Muito bem, brava mocidade buonairense! E' assim que dareis provas patentes da vossa elevação intelectual e do vosso amor à liberdade, sem a qual nada no mundo merece ou pode ser devidamente apreciado.

DAS PLAGAS LUZITANAS

Carmona Agente de negocios de John Bull

Portugal é vítima, não duma ditadura militar nacional, mas sim duma rede invisivel de espionagem internacional, que inventa "complots" por toda a parte.

Carmona, o soldado desconhecido que capitanea a quadrilha de assassinos católicos-romanos, que assola a Lusitania, é o esbirro que essa ditadura internacional de espíes mantém, no extremo-ocidente da Europa, de sentinela aos domínios de John Bull, pirata inglês, apavorado com os progressos da Revolução Social na Península.

Mas os povos da Ibéria, que, antanho, a bordo das caravelas, deram novos mundos à Humanidade, aprestam-se para, unidos, fazer surgir, ante os olhos atônitos do orbe capitalista, um mundo novo. Um mundo de Liberdade e de Solidariedade, de Amor e de Beleza!

RAFAEL MALAGUERRA.

Enciclopedia anarquista

Esta notavel obra que se está publicando em França, sob a competente direção de Sebastião Faure, velho e sábio militante anarquista, será brevemente publicada em castelhano conforme circular que recebemos:

"O Centro de Cultura Enciclopédica, correspondendo a uma necessidade fundamental sentida nos meios anarquistas e culturais, tendo recebido para isso autorização de Sebastião Faure, sob cuja direção se está publicando em França a "Enciclopedia Anarquista", obra de extraordinario relevo doutrinário, histórico e filosófico, iniciará em breve a publicação, em fascículos, da primeira edição em castelhano de dita obra."

"Este Centro Cultural está realizando os ultimos trabalhos para a proxima aparição do primeiro fascículo, sendo sua preocupação harmonizar uma esmerada apresentação da obra com as possibilidades aquisitivas da classe trabalhadora, a quem especialmente vai dirigida esta primeira tradução da Enciclopedia".

Vemos que Historia, depois de ter sido a historia dos reinados, tende a converter-se na historia dos povos, e depois na dos individuos.

Krapotkin.

Sabado, 12 de Agosto, no Salão da Federação Espanhola, haverá um festival pró A PLEBE, organizado pelos amigos da PROPAGANDA LIBERTARIA.

Os CONVITES podem ser desde já procurados, em nossa redação, e com os nossos amigos na sede da FEDERAÇÃO OPERARIA, á rua Quintino Bocayuva, 80

nacionalidade, porque, falava ele 8 linguas; mas, não comprehendia o francez.

Então, o commissario francez diz ao colega espanhol: — Não posso conseguir provas de que este homem seja francez. Não o posso aceitar. Leve-o de novo.

Mas, tinha que ficar ali até o dia seguinte: o commissario espanhol não o podia levar nesse mesmo dia.

Ele é, pois, conduzido á prisão local, conosco.

Lá, disseram áqueles, que não tinham sido declarados desertores, que não comiam.

Era num domingo. Havia festa na aldeia. Ouvimos musica e isso nos deu um pouco.

De repente, gritos. Uma multidão que se agita.

O homem do cobertor sobe numa das e olha pela grade de ferro do respiradouro.

Vendo a multidão, para atral-la, ele canta com a sua voz justa, forte, quente, harmoniosa, o hino estalido.

E quando acabou, ha centenas de pessoas em torno da abertura. E ele apostrófa:

— "Povo francez, povo da Revolução, povo que eu acreditei liberal, — eu fugi do meu país a Turquia, para não lutar contra vós.

Hoje, que estou em França, estou algemado, maltratado, ameaçado de morrer de fome.

Povo revolucionario, falhareis ao vosso passado, deixareis assassinar e morrer de fome áqueles que vos quiseram defender!".

A multidão gritou como numa aria popular: "Liberdade! Liberdade! Liberdade!".

Então, o policia fechou a janellinha de ferro e tapou a abertura.

Imediatamente todos os prisioneiros deram um grito como de agonía.

A multidão se exaspera. Depois, ouvem-se gritos, ruído de vidros quebrados e pedradas.

Será o assalto á prisão? Ficamos cheios de ansiedade. Um policia entra e diz:

— Callem-se. Vocês terão que comer.

Eu, porem, grito: — Não nos calaremos, si não abrir a janela.

Ele se precipita e a abre.

O homem do cobertor se precipita por sua vez e canta o hino revolucionario espanhol:

"Pueblo esclavo que encierra cadenas"

A multidão se exalta e canta com ele.

Durante esse tempo, muitos foram buscar cestos de provisões. Logo após, chegam dezenas de cestos de pães, vinho, queijos, manteiga, frutas.

Vem a noite. A multidão se vai.

Fatigados e repletos, os nossos companheiros de cativeiro dormem.

O homem do cobertor está tentado num canto, segundo o costume arabe. Eu me aproximo. Tenho necessidade de saber, de penetrar um pouco nessa alma.

Conversámos.

Ele bem comprehendeu quem eu sou. Conta-me que foi preso na Anda-

luzia onde fazia a propaganda libertaria no meio dos camponeses.

Entusiasmava-se. Anima-se contando os sofrimentos, mas, também, a revolta, a perseverança na luta, a fé em uma sociedade melhor, a esperança de todo esse povo letrado, porem, cuja tenacidade, estoicismo, heroismo é sustentado até mesmo pelas mulheres.

Ele me conta a luta feroz que se travou por lá. Os camponeses querem a terra e estão decididos a tudo para conquistá-la.

Disse-me que quer tornar a voltar lá, que deve ficar e viver junto d'esse povo admiravel.

— Amanhã, me disse ele, volte para a Espanha, como você sabe. Vão me libertar daqui a alguns dias. Voltarei para a Andaluzia.

Senti, por ele, a mesma admiração que senti o official do "Carcel Modelo", porem, por outras motivos.

Passámos a noite a conversar. Ele fala de Arte, de Ciencia, de Filosofia, como conhecedor consumado e em palestra cativante.

Companheiras e companheiros. Collo a pena com amor e carinho para vos dirigir breves e simples palavras.

Dá pena, causa raiva, ver como continuais seguindo esses que se dizem representantes de Cristo aqui na terra. Pois bem, companheiros, se queremos entender-nos deixemos em paz a Deus e aos santos porque já estais fartos de o ver: esses nomes servem de pretexto e meio para todos áqueles que querem enganar-nos e oprimir aos seus semelhantes. Dizem que Deus deu o direito de reinar ao rei, e quando dois reis brigam pela disputa de um país, ambos dizem que são ungidos de Deus e sem embargo este dá sempre razão ao que tem mais soldados e melhores armas.

O proprietario, o comerciante, o que nos aluga, o que com tudo faz negocio, todos falam de Deus e seus representantes se incolumizam e chamam a si mesmos os padres catolicos, protestantes, hebreus, turcos, e em nome de Deus todos se fazem guerra e procuram levar a agua para o seu moinho.

A quem os ouve parece que Deus deu tudo a eles e condenou os outros á miséria e ao trabalho. Para eles o paraizo neste mundo e no outro. Para nós, o inferno nesta terra e o paraizo ultratumba, se formos voluntariamente escravos submissos e se houver lugar vago.

Por minha parte devo dizer-vos que em Deus e em tudo quanto os padres nos explicam, não acredito, porque quem no-los narra está demasiado interessado em que acreditemos e porque ha tantas religiões e todas pretendem dizer a verdade, mas nenhuma apresenta provas daquilo que afirma, não podendo dar uma demonstração conclusiva e categorica!

Tambem eu poderia inventar um mundo de fábulas e ameaçar depois com a condenação ao fogo eterno quem não crêsse. Tratarias-me de impostor. Mas se eu pegasse uma criança e lhe dissesse sempre o mesmo, sem que ninguém lhe demonstrasse o contrario, quando fosse homem me creria exatamente como vos acreditais no pároco.

Finalmente, podeis acreditar no que bem vos pareça, mas não venhais contar-me que Deus quer que trabalheis e sofraís fome, que vossos filhos cresçam débéis e enfermicos por falta de pão e cuidados, e que vossas filhas devam estar expostas a ser um dia as amantes de vossos perfumados patrões, por que então vos diria que Deus é um descuidado.

Companheiros e companheiras, Arredando nos padres pensais alcançar a gloria. Mas estais enganados: ides mas é para o inferno, porque a gloria ganham-na os padres de São Cristovam.

MONTALLO SERANO.

Em certo momento, eu perguntei: — Quem é você?

Então, falando francez, pela primeira vez ele me responde:

— "Eu sou áquele que luta pelo Amor e pela Fraternidade".

Pierre Vigneron.

Outubro de 1919 — (Prisão de Cere)

Pierre Vigneron morreu tuberculoso em 1921. Sua irmã me deu para ler esta carta que ela guardava religiosamente. Pedi-lhe para tirar uma copia. Hoje eu a publico em homenagem ao amigo desaparecido. Ela faz sobressair o estoicismo, a coragem, a abnegação do povo espanhol. E faz ressaltar, heroica e pura a figura admiravel do propagandista.

E que ás acontecimentos atuais da Espanha venhais demonstrar que apesar das fealdades, dos sofrimentos, da tristeza pelas quaes devem passar áqueles que lutam, após mais ou menos tempo, venciam e fructificam as sementes das lutas de justiça e Liberdade.

A. NEBLIND.